

Os riscos do populismo

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo e presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP. É membro da Academia Paulista de Letras

Ronald F. Inglehart e Pippa Norris têm documentado extensamente a escalada dos líderes populistas em vários países do mundo (*Trump, Brexit, and the Rise of Populism*, 2016). Steven Levitsky tem mostrado que os líderes populistas contemporâneos têm conquistado o poder por meio do voto livre e democrático, e não pela via dos golpes de estado (*How democracies die*, 2018).

O que está por trás dessa escalada? O fenômeno do populismo moderno está intimamente ligado às mudanças que vêm ocorrendo no mercado de trabalho, provocadas por recessões e pela adoção de tecnologias disruptivas. Essas tecnologias têm uma preferência especial para destruir empregos de classe média. Por exemplo, quando a inteligência artificial entra em um grande almoxarifado, o gerente que controla os estoques é dispensado. Quando se instalam sistemas digitais de tradução para conferências virtuais, desaparece o trabalho dos que fazem interpretação simultânea. Nos cursos on-line, tomam o lugar de professores. E assim por diante. Todos trabalhadores de classe média.

Quando isso ocorre, os profissionais mais

bem-educados conseguem se reciclar, adotam outra ocupação e até sobem de classe social. Os que não conseguem vão dirigir Uber, entregar mercadorias, ser zelador de prédio etc. São legiões de pessoas de classe média que fazem mobilidade social descendente. Em muitos países, há muita gente que desce e poucos que sobem na pirâmide social. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) diz: "Parece que o elevador social do mundo quebrou".

Como seres humanos constituídos de razão e emoção, os que descem socialmente são dominados pelo sentimento de privação relativa que surge ao verificarem que sua situação está pior do que muitos integrantes dos seus grupos de referência — colegas, amigos e parentes. Esse sentimento é carregado de frustração, descontentamento e sensação de injustiça.

Movidas pelas poderosas forças dos sentimentos, essas pessoas se agarram aos líderes populistas de esquerda e de direita que prometem mudar e melhorar a sua vida. São grupos imensos de eleitores que vêm passando por esse processo.

Por que os líderes populistas os atraem? Em geral, os líderes populistas acentuam a

divisão entre o "povo sofrido" e a "elite corrupta". Eles agem como se tivessem a representação moral exclusiva do povo e deixam subentendido que o governo pode tudo. Defendem o assistencialismo como combate às regalias das elites. Prometem cortar impostos e aumentar os salários. Aos olhos dos que mais sofrem, são vistos como seus defensores e salvadores da pátria.

Historicamente, porém, a prática do populismo tem arrebatado os orçamentos e criado graves desequilíbrios nas finanças públicas. Solapam a confiança dos investidores, comprometem o crescimento econômico e jogam os países em recessões crônicas. É um sistema insustentável. Na América Latina, o caso da Argentina é emblemático, mas isso tem ocorrido em vários países (Daron Acemoglu e James A. Robinson, *Why nations fail*, 2012).

Não é fácil afastar a preferência pelo populismo quando a desigualdade é sentida como injusta. No momento, a pandemia agravou a desigualdade e detonou muitas ações necessárias de pura assistência social. Será impossível governar sem isso. Mas se a governança se resumir ao assistencialismo, o futuro com recessões crônicas estará selado



Equidade e câncer: um desafio a ser enfrentado

» ANA CRISTINA PINHO

Médica e diretora-geral do Instituto Nacional de Câncer (Inca)

» GÉLCIO LUIZ MENDES

Médico e coordenador de Assistência do Instituto Nacional de Câncer (Inca)

O câncer compreende um conjunto de mais de 100 doenças diferentes, com fatores de risco, manifestações clínicas e tratamentos distintos: é o resultado de mutações genéticas, nas quais as células cancerígenas se dividem rapidamente, com a capacidade de invadir os tecidos ao redor e órgãos adjacentes (as chamadas metástases).

A incidência e a mortalidade da enfermidade vêm aumentando em todo o mundo. De acordo com a Agência Internacional para Pesquisa em Câncer (Iarc), em 2020, a doença foi responsável por quase 10 milhões de mortes em todo o mundo, e a estimativa é de que, até 2040, o número de novos casos aumente para 30 milhões. Neste mesmo ano, no Brasil, a doença causou mais de 227 mil mortes no país. (Dados extraídos Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde).

Após análise realizada e seguindo as estatísticas, o Instituto Nacional de Câncer (Inca), do Ministério da Saúde estima que, somente este ano, ocorrerão 625 mil novos casos.

Os especialistas entendem que, diante da magnitude dos números, é necessário e urgente conhecer os motivos desse aumento, bem como as formas de minimizá-lo.

A União Internacional para o Controle do Câncer (UICC) propõe para o Dia Mundial do Câncer (4 de fevereiro) um trabalho conjunto para repensar um mundo em que milhões de mortes podem ser prevenidas. No próximo triênio, a campanha "Close the Care Gap", traduzida no Brasil como "Cuidado para Todos", vai promover um amplo debate sobre as barreiras que impedem a equidade no acesso aos cuidados fundamentais para o controle da doença.

Alguns grupos étnicos, como indígenas e pessoas de cor parda, têm maior risco de morte por câncer quando comparados aos demais, em especial para aquelas neoplasias associadas ao subdesenvolvimento. Dados clínicos também comprovam que os tumores malignos são mais incidentes (número de novos casos divididos pela população), bem como maior mortalidade, em pessoas com idade avançada.

Uma premissa importante na legislação que rege o Sistema Único de Saúde (SUS) é o da equidade. Esse conceito nos remete ao fundamento de assegurar àqueles indivíduos com maiores dificuldades, sejam elas econômicas, culturais, linguísticas, geográficas ou quaisquer outras, o acesso prioritário aos

serviços de saúde, de modo a oferecer um cuidado igualitário para todos no SUS.

As nossas constatações são variadas e preocupantes. Com relação à prevenção, observa-se maior percentual de fumantes entre pessoas com menor escolaridade e também menor aderência aos programas de rastreamento de câncer de mama entre as mulheres com menor grau de instrução. Além disso, sabemos que o diagnóstico da doença em estágio inicial acontece em menor proporção entre os indígenas, pretos e pardos e a maior mortalidade é verificada entre alguns os grupos minoritários.

Uma proposta em andamento é a análise da trajetória desses grupos desde o acesso às informações a práticas relevantes à prevenção, ao diagnóstico, ao tratamento e ao cuidado paliativo em oncologia. A partir de então, será possível propor ações para diminuir as discrepâncias nos riscos de desenvolver câncer e promover o cuidado integral dessas pessoas.

O papel do Inca/MS, como membro da UICC e seu representante no Brasil é, justamente, propor e promover discussões e ações de comunicação, reforçando a relevância de uma atuação em rede nacional, regional e global.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Eleições, guerras e jogos mortais

Até as próximas eleições, o Brasil e o mundo vão apresentar e sentir os efeitos dos acontecimentos que, por hora, são delineados no horizonte. Há um longo percurso a ser vencido até 2 de outubro, tanto no ambiente interno quanto no resto do planeta. Não adianta fechar os olhos para os fatos que se materializam diante de nós. A possibilidade de eclosão de uma guerra entre a Aliança Militar do Ocidente, representada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), e a Rússia, que ameaça invadir a vizinha Ucrânia, põe o mundo em sobressalto, desviando a atenção e as preocupações da humanidade para um conflito que tem tudo para incendiar o resto do planeta, com consequências que, certamente, afetarão o Brasil e todo o continente sul-americano.

Centenas de milhares de soldados, de ambos os lados, posicionados naquelas fronteiras e a grande concentração de armas naquele cenário de pré-guerra parecem confirmar que, mais uma vez, estamos diante de um conflito de grandes proporções, que ameaça se alastrar pelo resto do mundo.

Diante desses jogos de guerra, onde as indústrias de armamentos, em aliança com as forças militares, dão as cartas, pouco espaço resta para a racionalidade. Em vista de um cenário dessa natureza, onde as incertezas e a morte prematura da verdade são evidências certas, as eleições gerais no Brasil perdem muito de sua importância, podendo todo o pleito deste ano ser obscurecido por questões mais prementes.

Por outro lado, a possibilidade de um conflito dessas proporções, somado ao avanço espetacular de mais uma variante da covid-19, em que os índices de mortalidade podem atingir picos extremos, dentro e fora do país, sinaliza para grandes e perturbadores acontecimentos. Obviamente que os oportunistas, sempre de plantão e prontos para tirar proveitos desses fatos, aproveitarão o momento de distração e apreensão geral para fazer passar projetos de interesses flagrantemente contrários ao bom senso e à ética. Nesse caso, podem ser incluídos aqui as propostas que acenam para a volta dos cassinos ao país, conforme tem prometido e se empenhado pessoalmente o próprio presidente da Câmara dos Deputados.

Pode ser que em meio aos obuses (projéteis de forma cilíndrico-oval) e às fumaças do tiroteio que ocorreria lá fora, tal proposta — que benefício algum trará aos homens de bem deste país — passe sem ser vista. Na torcida pelo retorno ao inferno dos cassinos, estão os próceres do crime organizado, que encontrarão na atividade uma espécie de banco oficial onde lavar os rendimentos de seus crimes.

Também a bancada do jogo, que por hora se organiza do Legislativo, empenhada nessa cruzada de morte, vislumbra nessa aprovação apenas ganhos imediatos e financeiros, pouco ou nada preocupadas com o dia seguinte a essa aprovação.

Surpreende que em tempos tão adversos como estes que agora vivemos, quando a classe política deveria estar buscando caminhos seguros para preservar algum futuro digno para as próximas gerações, ela esteja empenhada na aprovação de jogos de azar, para o enriquecimento de clãs do crime.

A população que mal encontra dinheiro para se alimentar, por certo, não tem recursos para ser lançados nas mesas de bacarat ou de roletas. A nossa guerra é contra o crime e a violência que consomem o país. Dar mais munição para essas forças do mal é apostar no aumento de mortos. Tomem tenência, suas excelências, uma vez que vergonha parece não mais fazer efeito sobre vós.

» A frase que foi pronunciada

“Onde quer que homens civilizados tenham pela primeira vez aparecido, eles foram vistos pelos nativos como demônios, fantasmas, espectros. Nunca como homens vivos! Eis aí uma intuição inigualável, um insight profético, se é que algum já chegou a ser feito.”

E.M.Cioran

Jubileu de Prata

» Com 25 anos de idade completados dia 9 último, a Rádio Senado foi um motor, conduzido por Fernando César Mesquita, inaugurando uma nova era da comunicação social do Legislativo no país. Logo depois, vieram as emissoras da Câmara dos Deputados, da Justiça, das Forças Armadas e das Assembleias Legislativas.

Nota

» Candidatos que querem usar o nome da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) estimularam o envio de nota esclarecedora para a imprensa. A CNA não se reuniu com pré-candidatos à Presidência da República e não envia representantes ou realiza encontros paralelos com candidatos à Presidência. O que acontece em ano eleitoral é um evento público, com cobertura da imprensa, em que a CNA e outras entidades ligadas ao agronegócio apresentam propostas, sugestões e prioridades aos candidatos.

» História de Brasília

Duas firmas, entretanto, *Motornei e Alvorada, ganharam lotes em Taguatinga mas nunca deles tomaram posse. Agora, que a Prefeitura determinará um gabarito que valorizará em muito os terrenos, já começam os movimentos para a posse dos mesmos. (Publicada em 17/2/1962)*